

Educação, Informação Comunicação e Saúde: Proteções contra a DESINFORMAÇÃO

SEMINARIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE:
PROTEÇÕES CONTRA A DESINFORMAÇÃO

EIXO TEMÁTICO: GT GT 5 - TEMAS LIVRES EM DESINFORMAÇÃO, CIÊNCIA E
SAÚDE.

**TikTok, juventude e desinformação climática: entre algoritmos, afetos e
disputas epistêmicas na percepção ambiental**

*TikTok, Youth, and Climate Misinformation: Between Algorithms, Affects, and
Epistemic Disputes in Environmental Perception*

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: Este trabalho analisa como a lógica algorítmica do TikTok favorece a disseminação de desinformação climática, especialmente em contextos de forte apelo emocional e baixa mediação crítica. A pesquisa, de caráter teórico e qualitativo, baseia-se em estudos recentes sobre plataformas digitais, desinformação e tecnopolítica. A análise destaca o papel dos algoritmos na formação de bolhas informacionais e na amplificação de discursos negacionistas. Conclui-se que combater a desinformação exige estratégias comunicacionais nos próprios ambientes digitais, articulando linguagem, afeto, criticidade e regulação algorítmica.

1. **Palavras-chave:** Algoritmos digitais; Desinformação climática; Letramento digital.

Abstract: This paper analyzes how TikTok's algorithmic logic contributes to the spread of climate misinformation, particularly in emotionally charged contexts with limited critical mediation. The research is theoretical and qualitative, drawing on recent studies on digital platforms, misinformation, and technopolitics. The analysis highlights the role of algorithms in creating informational bubbles and amplifying denialist content. It concludes that addressing climate misinformation requires communicative strategies within digital environments that combine language, affect, critical thinking, and algorithmic regulation.

Keywords: Digital algorithms Climate misinformation; Digital literacy.

1 INTRODUÇÃO

Na era da cibercultura, marcada pela mediação tecnológica nas interações sociais (Lévy, 1999), a informação constitui-se como eixo central da atuação dos

atores sociais. A comunicação humana desenvolve-se predominantemente por meio de plataformas digitais (HEIM, 2015), entre as quais o TikTok se destaca como rede social de crescimento acelerado entre os jovens, moldando práticas comunicacionais e influenciando a percepção pública. A arquitetura algorítmica dessas plataformas impulsiona a infodemia, definida como a proliferação excessiva e rápida de informações verdadeiras e falsas (Santini; Barros, 2022), fator crucial para entender a circulação de desinformações climáticas.

Este estudo delimita-se à análise da disseminação de conteúdos negacionistas sobre mudanças climáticas no TikTok, com ênfase no papel dos algoritmos na propagação dessas informações. Problema e Objetivos Este estudo parte do seguinte problema de pesquisa: De que modo a lógica algorítmica do TikTok contribui para a disseminação de narrativas negacionistas sobre mudanças climáticas, especialmente entre o público jovem brasileiro?

O objetivo geral é: Analisar como a estrutura algorítmica e os recursos visuais do TikTok moldam a percepção pública sobre a crise climática, a partir da circulação de conteúdos desinformativos.

Objetivos específicos: Identificar os principais tipos de desinformação climática presentes nos vídeos populares do TikTok; Analisar como o algoritmo da plataforma prioriza e amplifica conteúdos de apelo emocional e negacionista; Compreender os efeitos dessas narrativas na confiança pública na ciência e na formação de bolhas epistêmicas.

A literatura indica que os algoritmos privilegiam conteúdos de maior engajamento, frequentemente associados a vídeos curtos, normalizando o consumo rápido e superficial e contribuindo para a distração e perda de significado profundo (MIT Press, 2024; HEIM, 2015). Essa dualidade da plataforma, potencial para disseminar tanto informações relevantes quanto desinformações, configura um problema social complexo e interdisciplinar, cuja compreensão é fundamental para o enfrentamento da crise climática.

Espera-se que este estudo contribua para a ampliação do debate crítico acerca das dinâmicas comunicacionais contemporâneas, subsidiando políticas públicas e estratégias de educação midiática voltadas à mitigação da desinformação em ambientes digitais.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Os Algoritmos

No contexto da desinformação digital, a noção de engenharia social algorítmica torna-se central para compreender como plataformas como o TikTok operam. De acordo com Cowgill e Stevenson (2020), esse conceito designa o uso de algoritmos alimentados por grandes volumes de dados (big data) para modular comportamentos e percepções de forma preditiva e persuasiva.

No TikTok, essa engenharia manifesta-se na personalização automatizada de conteúdos, priorizando vídeos que maximizam o engajamento afetivo, independentemente de sua veracidade. Trata-se de um processo silencioso e massivo de curadoria informacional, que favorece a visibilidade de narrativas emocionalmente apelativas e, muitas vezes, desinformativas — sobretudo em temas polarizados como as mudanças climáticas.

Ao operar como uma infraestrutura tecnossocial de manipulação cognitiva, os algoritmos reforçam vieses preexistentes, criam bolhas epistêmicas e dificultam o acesso a conteúdos cientificamente confiáveis. Tal configuração expõe os limites da alfabetização tradicional e demanda respostas políticas e educativas voltadas à regulação algorítmica e à construção de uma cultura informacional crítica.

Diante da complexidade que envolve a engenharia algorítmica e seus impactos nas dinâmicas informacionais contemporâneas, esta pesquisa propõe uma abordagem qualitativa, de natureza básica, fundamentada em uma revisão bibliográfica crítica. A intenção é compreender, por meio do diálogo com estudos acadêmicos que investigam empiricamente a desinformação climática em ambientes digitais, de que modo o algoritmo do TikTok atua na filtragem, repetição e amplificação de certos discursos, muitas vezes negacionistas, contribuindo para o cenário de infodemia. A análise será construída de forma interpretativa e interdisciplinar, articulando contribuições da linguística crítica, da comunicação digital e da epistemologia, a fim de lançar luz sobre os mecanismos sutis e potentes que moldam a percepção social diante da crise climática.

2.2 Metodologia

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório-analítico, orientada por um desenho metodológico interdisciplinar que articula os campos da comunicação, epistemologia da ciência e tecnopolítica. O corpus empírico foi delimitado a partir da análise de 50 vídeos da plataforma TikTok, identificados por meio das hashtags #mudançasclimáticas, #criseclimática e #climatechange até “DATA X/x/ definir o ano que está usando. Os vídeos foram selecionados com base em critérios de relevância (nível de engajamento), conteúdo (presença de narrativas negacionistas ou distorcidas sobre o clima) e linguagem visual. Os dados foram submetidos à técnica de análise temática (Bardin, 2011), a partir de uma matriz baseada na tipologia de desinformação proposta por Oliveira e Leitão (2022). Essa matriz permitiu mapear os padrões retóricos, afetivos e informacionais presentes nos vídeos analisados.

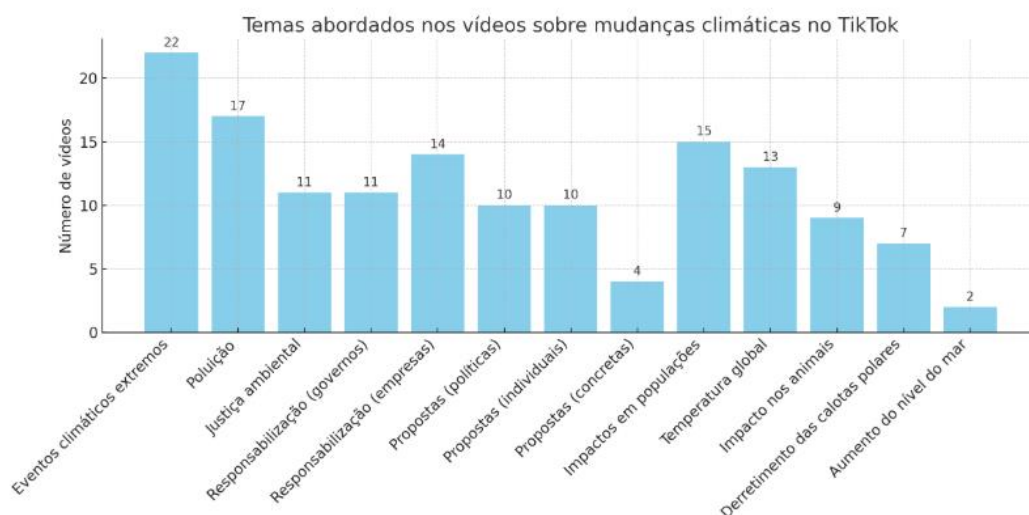
Entre as limitações, destaca-se a dependência da qualidade e disponibilidade das fontes acadêmicas, que pode restringir a abrangência e atualização dos dados. A abordagem qualitativa traz subjetividade na interpretação, limitando a generalização, mas possibilita uma análise crítica aprofundada e reflexiva sobre as dinâmicas comunicacionais e a desinformação algorítmica no contexto das mudanças climáticas.

2.3 Pesquisa e Análise de Resultados

Segundo Bosca (2023), a negação climática está relacionada à resistência em aceitar evidências científicas, sendo compreendida como um problema político e epistemológico sobre o conhecimento das causas e impactos das mudanças climáticas. A pesquisa conjunta do Instituto de Tecnologia e Sociedade (ITS) e do Programa de Mudança Climática da Universidade de Yale, em parceria com o Ipec Inteligência e o Instituto Clima e Sociedade (ICS), realizada em 2021 com 2.600 brasileiros maiores de 18 anos, revelou que 87% dos entrevistados obtêm informações por meio de conversas informais com familiares, amigos e colegas de trabalho, indicando que nossos círculos sociais tendem a compartilhar interesses e crenças semelhantes. Esse fenômeno se reproduz nas plataformas digitais, como o TikTok, onde os algoritmos reforçam essas conexões ao priorizar conteúdos alinhados às preferências do usuário, contribuindo assim para a formação de bolhas epistêmicas. Dessa forma, o algoritmo não apenas reflete, mas amplifica a polarização, dificultando o acesso a perspectivas diversas e reforçando discursos negacionistas no contexto da desinformação climática (Oliveira, 2022; Heim, 2015).

O TikTok foi escolhido como objeto empírico desta investigação por configurar-se como uma das plataformas digitais de maior penetração entre o público jovem brasileiro, exercendo não apenas uma função de entretenimento e sociabilidade, mas também como uma fonte de busca e validação de informações. Segundo matéria publicada por Victor Hugo Silva no portal G1, com base em pesquisa divulgada em outubro de 2024, aproximadamente 83% das crianças e adolescentes brasileiros que acessam a internet possuem contas em redes sociais. Dentre essas, o TikTok tem se destacado como a plataforma de uso preferencial. Corroborando essa tendência, Marien Ramos (2024) aponta que 21% dos jovens brasileiros recorrem primeiramente ao TikTok quando desejam encontrar informações sobre determinado tema, enquanto apenas 5% optam pelo YouTube. Esses dados evidenciam o papel central que o TikTok ocupa nas práticas informacionais juvenis, sendo, portanto, um ambiente relevante para a análise da circulação e amplificação de discursos sobre as mudanças climáticas, especialmente no que tange à desinformação algorítmica e à formação de bolhas epistêmicas.

O gráfico a seguir sintetiza a distribuição temática dos 50 vídeos sobre mudanças climáticas analisados na plataforma TikTok, com dados coletados até 31 de março de 2023. Ele oferece uma visão quantitativa dos temas mais recorrentes, permitindo identificar quais narrativas ganham maior destaque no discurso ambiental consumido pelos jovens brasileiros. Essa representação visual é fundamental para compreender as tendências de engajamento e os focos discursivos predominantes nesse ambiente digital, que exerce papel central na formação de opinião e disseminação de informações sobre o tema, conforme apontado por Evangelista e Garcia (2024) em estudo recente sobre as narrativas climáticas no TikTok brasileiro.



Fonte: Adaptado de EVANGELISTA; GARCIA, 2024.

Os dados evidenciam uma clara preferência por temas que apresentam forte apelo visual e emocional, como os eventos climáticos extremos, que lideram a amostragem, seguidos pela poluição, sobretudo a do plástico nos oceanos. Essa ênfase revela uma tendência dos criadores de conteúdo em explorar imagens impactantes para mobilizar o público, favorecendo narrativas imediatas e sensoriais. Ao mesmo tempo, a expressiva presença de críticas dirigidas a empresas, governos

SEMINÁRIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE: PROTEÇÕES CONTRA A DESINFORMAÇÃO

SALVADOR – 29, 30 e 31 de julho de 2025

e à justiça ambiental indica um discurso politizado, que problematiza as responsabilidades institucionais e o modelo econômico vigente.

Entretanto, apesar da centralidade das denúncias, observa-se uma carência de propostas concretas para o enfrentamento das mudanças climáticas, evidenciada pela baixa frequência de soluções efetivas nas postagens. Além disso, temas cientificamente relevantes, como o derretimento das calotas polares e o aumento do nível do mar, são pouco explorados, o que sugere limitações no alcance e na profundidade do debate no TikTok. Essa configuração temática aponta para um engajamento que, embora significativo em termos de visibilidade e mobilização, pode se mostrar insuficiente para fomentar uma compreensão crítica e propositiva entre o público jovem.

Thaiane Oliveira e Ana Carolina Leitão (2022) destaca que, nos processos comunicacionais, aquilo que se rotula como desinformação em contextos democráticos pode carregar significados legítimos para certos grupos, por estar profundamente ligado às suas emoções e identidades coletivas. Complementando essa perspectiva, Young (2021) aponta que as emoções exercem um papel decisivo na disseminação de informações falsas, sendo recorrente que campanhas de desinformação explorem vínculos afetivos e alimentem a desconfiança. Segundo ele, as respostas institucionais geralmente se limitam à correção de fatos objetivos, sem enfrentar os impactos emocionais que essas práticas provocam. Essa dinâmica se reflete de forma clara nas publicações analisadas no TikTok, onde prevalecem recursos visuais e narrativas marcadas por forte apelo sensorial, muitas vezes em detrimento de explicações científicas mais densas. Nesse contexto, a tabela a seguir, produzida por Thaiane Oliveira e Ana Carolina Leitão (2022), propõe uma sistematização das disputas envolvendo informações falsas, considerando como essas tensões são processadas institucionalmente nos campos político, científico e midiático.

Tabela 1 – Tipologias da Desinformação Científica e Estratégias de Enfrentamento

Desinformação	Definição	Uso, forma/Contexto	Emoção/sistemas de crenças	Papel	Método de enfrentamento
Político Instrumentalização da ciência	Instrumentalização política de informações científicas para atacar ou deslegitimar adversários.	Ambiente hostil com debate político intensificado ou não por contextos de polarização	Hostilidade Política	Disputa sobre narrativas no campo político envolvendo ciência.	Política e alfabetização científica
Disputas epistêmicas	Mensagens que instrumentalizam significados para acusar instituições responsáveis por conhecimento e informação.	Usado em disputas sobre autoridade epistêmica, reduzindo a certeza sobre a realidade dos fatos.	Disputa epistêmica	Desempenha papel de disputa sobre narrativas relacionadas ao campo epistêmico	A literacia científica bem como a midiática e informações de alfabetização.
Teoria da Conspiração	Explica eventos ou práticas como maquinações de pessoas influentes,	Surge como resposta à incerteza e ameaças	Desconfiança de instituições	Funciona como resposta à percepção de ameaça,	Disseminação de narrativas que explicam lacunas em

**SEMINÁRIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE: PROTEÇÕES CONTRA A
DESINFORMAÇÃO
SALVADOR – 29, 30 e 31 de julho de 2025**

	instituições ou sociedades secretas.	atribuídas a elites ocultas, oferecendo explicações alternativas que contestam narrativas oficiais de governos, mídia e instituições científicas.		construindo significado e expressando postura política anti-sistema e anticiência.	fenômenos sociais complexos
Ciência Falsa	Conteúdos que distorcem ou subvertem o método científico para reforçar vieses, usando sinais científicos para validar argumentos.	Surge em disputa narrativa sobre ciência, reembalando e imitando argumentos ou evidências científicas.	Falta de conhecimento sobre métodos, procedimentos e práticas científicas.	Confusão sobre a ciência. Subvertendo os sinais da ciência para validar argumentos falsos.	Alfabetização científica
Pseudociência	Afirmações contraditórias exageradas ou infalsificáveis. Imitam o método científico	Em disputas epistêmicas, pseudocientistas frequentemente alegam que são mal compreendidos pela população	Falta de conhecimento sobre métodos, procedimentos e práticas científicas. Acredita-se em algo que dê a resposta.	Dá as respostas com crenças que elas gostariam que sejam verdadeiras	Alfabetização científica.
Anticiência	A rejeição dos métodos consolidados da ciência como via de produção de conhecimento válido.	Aparece em um contexto de contestação da ciência	Falta de conhecimento sobre métodos, procedimentos e práticas científicas.	Contesta a rejeição dos métodos científicos consolidados como fonte de conhecimento válido.	Alfabetização científica.
Contexto de manipulação	Subversão de contexto baseado em um fato ou evento.	Ocorre quando narrativas disputam eventos, gerando confusão e deslumbramento que obscurecem a realidade	Incerteza quanto aos eventos	Construção de significados e na disputa sobre narrativas de certos eventos.	Apresentação de fatos de forma clara e transparente.
Subversão de dados	Subversão de dados com retórica aparentemente transparente, mas inconsistente com	Surge do fascínio por dados e algoritmos tidos como neutros, sem considerar	Otimismo e confiança na neutralidade de dados e estatísticas e transparência	Legítima discursos com dados numéricos, mesmo que inconsistentes	Alfabetização digital em datificação e grandes volumes de dados.

**SEMINÁRIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE: PROTEÇÕES CONTRA A
DESINFORMAÇÃO
SALVADOR – 29, 30 e 31 de julho de 2025**

	fontes e evidências.	seus usos e contextos.		com fontes oficiais.	
Conteúdo impostor	Uso de falso ou inexistente fato.	Surge em disputas narrativas com uso de fontes falsas e fabricação de evidências para desviar a atenção dos fatos.	Incerteza quanto aos eventos.	Legitimação de fala e dos argumentos falsos ou de fontes não existentes.	Legislação sobre o uso de fontes falsas ou citações fabricadas.
Reverberação de ciência e desinformação.	Publicação pouco informativa conteúdo sem correção.	Produzido por diversos autores que apresentam artigos publicado por terceiros que são apresentados por meio do sensacionalismo	Curiosidade e interesse do consumidor em sensacionalismo	Divulgação de informações e conteúdos falsos citando outros sem uma ética com produção de informações qualificadas.	Regulação da mídia com ênfase na informação ética.
Mediação e controvérsias	Visibilidade sobre temas controversos causando confusão.	Distrair a atenção de fatos e evidências.	Incerteza quanto a eventos científicos, evidências e informações	Cita partes interessadas e temas controversos de forma pretensamente neutra, sem compromisso ético com a informação qualificada.	Regulação da mídia com ênfase na informação ética.
Similaridade de fonte	Uso similar de nomes alterando alguns elementos causando confusão da fonte.	Imitar aspectos para apresentar falsificações aceitáveis, desviando a atenção de fatos e evidências	Incerteza quanto a eventos científicos, evidências e informações	Legitimação na fala e argumentos falsos ou fatos não existentes.	Legislação sobre o uso de fontes falsas ou citações fabricadas

Fonte: Moreira de Oliveira; Leitão (2022), traduzido e adaptado pela autora

A tabela apresenta diversas formas de desinformação e seus modos de atuação, que vão desde a instrumentalização política da ciência até a criação e disseminação de conteúdos falsos ou manipulados. Cada categoria evidencia contextos específicos, emoções e sistemas de crenças envolvidos, além do papel que desempenham na construção e contestação de narrativas, especialmente em ambientes marcados pela incerteza e disputas epistemológicas. Isso reforça a importância de investir em alfabetização científica, digital e midiática para enfrentar

esses desafios, assim como a necessidade de regulação ética e legislativa que combata o uso de fontes falsas e a propagação de conteúdos sensacionalistas.

Os padrões de desinformação exploram tanto os vieses naturais das pessoas quanto os contextos sociais e emocionais para disseminar informações distorcidas. Eles se manifestam em disputas narrativas, uso inadequado de dados, fabricação de evidências falsas e manipulação do discurso, comprometendo a percepção da realidade pelo público. Os algoritmos das redes sociais, ao priorizarem conteúdos que geram maior engajamento, frequentemente movidos por emoções como medo, hostilidade ou desconfiança, acabam ampliando o alcance dessas narrativas, mesmo que sejam falsas. Dessa forma, funcionam como multiplicadores que intensificam a polarização e a confusão, dificultando a verificação dos fatos e a construção de conhecimento confiável. Esse cenário reforça a urgência de promover a educação crítica e desenvolver ferramentas eficazes para controlar a propagação da desinformação. Entre os principais riscos gerados por essa grande circulação de informações está a erosão da confiança na ciência, a polarização social e a formação de bolhas epistemológicas (Oliveira, 2022).

Parte-se da hipótese de que o TikTok, ao priorizar conteúdos de forte apelo emocional, atua como uma infraestrutura tecnossocial que amplia a desinformação climática e compromete o engajamento crítico com o conhecimento científico. Essa dinâmica se ancora não apenas na arquitetura algorítmica da plataforma, mas também na forma como a juventude consome e atribui valor epistêmico às informações circulantes em redes sociais. A compreensão dessas lógicas é essencial para a formulação de estratégias educativas e regulatórias em defesa da integridade científica e da justiça climática.

3 CONCLUSÕES

A análise da desinformação climática no TikTok revela como a lógica algorítmica das plataformas digitais, ao privilegiar conteúdos com forte apelo emocional e alto potencial de engajamento, contribui para a disseminação de narrativas negacionistas que fragilizam a confiança na ciência (SANTINI; BARROS, 2022; OLIVEIRA; LEITÃO, 2022). Essa dinâmica é intensificada pela formação de bolhas epistêmicas, que restringem o acesso a perspectivas diversas e dificultam o diálogo informado (HEIM, 2015; BOSCA, 2023). Conforme apontam Evangelista e Garcia (2024), o discurso ambiental consumido nas redes sociais tende à superficialidade e à politização das denúncias, sem o devido aprofundamento científico. Diante desse cenário, torna-se urgente promover políticas públicas de letramento digital, científico e midiático, capazes de integrar criticidade, afetividade e ética na circulação de informações (OLIVEIRA; LEITÃO, 2022). A análise evidenciou que a estrutura algorítmica do TikTok não apenas reproduz, mas intensifica dinâmicas desinformacionais sobre o clima, contribuindo para a erosão da confiança pública na ciência. Os vídeos analisados revelam uma prevalência de conteúdos que exploram emoções intensas — como medo, raiva ou esperança — em detrimento de explicações científicas mais robustas, o que fortalece bolhas epistêmicas e discursos negacionistas.

Em resposta a esse cenário, recomenda-se:

1. A criação de observatórios de desinformação climática que monitorem as redes sociais;
2. A implementação de políticas públicas de letramento digital e científico, especialmente voltadas à juventude;
3. O desenvolvimento de regulações algorítmicas democráticas, que assegurem a transparência e a diversidade informacional nas plataformas;

4. A articulação entre comunidades científicas, comunicadores e educadores para co-criação de narrativas climáticas críticas, sensíveis à linguagem e às afetividades da cultura digital.

Em tempos de emergência ecológica e crise de sentido, resistir à desinformação é um imperativo epistemológico e político.

REFERÊNCIAS:

MARTINO, Luís Mauro Sá. Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. Capítulo “Michael Heim: a filosofia do mundo virtual conectado”, p. 40-44.

SANTINI, Rose Maria; BARROS, Carlos Eduardo. Negacionismo climático e desinformação online: uma revisão do escopo. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, e5948, maio 2022. Disponível em: <https://revista.liinc.br/index.php/liinc/article/view/5948>. Acesso em: 21 maio 2025.

LÉVY, Pierre. Ciberultura. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

VAN DER VEN, Hamish et al. IA generativa e mídias sociais podem agravar a crise climática. *Global Environmental Politics*, Cambridge, MA: MIT Press Direct, v. 24, n. 2, p. 9–18, 01 maio 2024. DOI: https://doi.org/10.1162/glep_a_00747. Acesso em: 21 maio 2025.

VIEIRA, Gilberto Medeiros; REIS, Ruth de Cássia dos. Desinformação climática como processo de comunicação política no capitalismo neoliberal digital. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), [s.d.].

COWGILL, Bo; STEVENSON, Megan T. Algorithmic Social Engineering. *AEA Papers and Proceedings*, v. 110, p. 96–100, 2020. DOI: 10.1257/pandp.20201037.

SOUZA, Aline. Mudanças climáticas na percepção dos brasileiros. Instituto de Democracia e Sustentabilidade (IDS), 09 mar. 2022. Disponível em: <https://www.idsbrasil.org/noticias/mudancas-climaticas-na-percepcao-dos-brasileiros/>. Acesso em: 23 maio 2025.

BOSCA, H. Comfort in chãos: a sensory account of climate change denial. *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 41, n. 1, p. 170-187, 2023.

SILVA, Victor Hugo. 83% das crianças e adolescentes que usam internet no Brasil têm contas em redes sociais, diz pesquisa. *G1*, 23 out. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2024/10/23/83percent-das-criancas-e-adolescentes-que-usam-internet-no-brasil-tem-contas-em-redes-sociais-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 26 maio 2025.

RAMOS, Marien. Geração Z troca Google por buscas no TikTok, diz estudo. *CNN Brasil*, 19 abr. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/negocios/geracao-z-troca-google-por-buscas-no-tiktok-diz-estudo/>. Acesso em: 26 maio 2025.

URBANO, Krystal et al. *Journal of Science Communication – América Latina*, v. 7, n. 1, 2024.

EVANGELISTA, Simone; GARCIA, Marcelo. Narrativas sobre mudanças climáticas no TikTok Brasil: entre o diagnóstico e a desesperança. *Revista Lusófona de Estudos Culturais / Lusophone Journal of Cultural Studies*, Braga, v. 11, n. 1, e024003, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.21814/rlec.5448>. Acesso em: 29 maio 2025.

OLIVEIRA, Thaiane; LEITÃO, Ana Carrollina. Beyond disinformation: disputes on meaning over information from an emotion-based framework. *International Review of Information Ethics*, v. 32, nov. 2022. Disponível em: <https://www.informationethics.ca>. Acesso em: 29 maio 2025. Traduzido e adaptado pela autora.